

Sustentabilidade ambiental em alguns atrativos turísticos no perímetro urbano de Campo Grande, Mato Grosso do Sul

Environmental sustainability in some tourist attractions in the urban perimeter of Campo Grande, Mato Grosso do Sul

Danielle Cardoso de MOUR [1](#); Luciana Correa DIETRICH [2](#); Ademir Kleber Morbeck de OLIVEIRA [3](#)

Recibido: 07/09/16 • Aprobado: 21/10/2016

Conteúdo

- [1. Introdução](#)
 - [2. Revisão de Literatura](#)
 - [3. Procedimentos Metodológicos](#)
 - [4. Resultados e Discussões](#)
 - [5. Considerações finais](#)
- [Referências Bibliográficas](#)

RESUMO:

O presente estudo avaliou a gestão e sustentabilidade ambiental, de alguns atrativos turísticos no perímetro urbano de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sendo eles, Casa do Artesão, Feira Central, Memorial da Cultura Indígena e o Parque das Nações Indígenas. A coleta de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas com os gestores dos atrativos. Como conclusão final, a preocupação com a preservação da natureza pelo turismo na área urbana, na perspectiva dos atrativos turísticos, está muito aquém do que é possível e necessário e diferente do que preconiza a teoria.

Palavras-chave: Turismo, gestão ambiental, práticas ambientais.

ABSTRACT:

This study evaluated the management and environmental sustainability of some tourism attractions in the urban perimeter of Campo Grande, Mato Grosso do Sul, being them, "Casa do Artesão", "Feira Central", "Memorial da Cultura Indígena" and the "Parque das Nações Indígenas". It carried out the collection of data through semi-structured interviews with the directors of the attractions. As a final conclusion, the concern for the preservation of the nature by tourism in urban area, in the perspective of tourism attractions, falls far short of what is possible and necessary and different from what recommends theory.

Keywords: tourism, environmental management, environmental practices.

1. Introdução

Na incessante busca pelo desenvolvimento, a sociedade humana promove uma gama de transformações no ambiente em que se insere, influenciando assim a dinâmica da paisagem e refletindo diretamente nos elementos da mesma. Compreender a interação existente entre o

ser humano e ambiente constitui, atualmente, um dos grandes desafios impostos aos estudiosos, não só pela complexidade das diversas formas de contato, mas também, pela apropriação de espaços sem conhecimento real da sua fragilidade.

Por essa razão, no planejamento da atividade turística deve considerar-se o turismo de forma sustentável, para que o "recurso" não se esgote, não tratando o ambiente natural apenas como fornecedor de matéria prima para o turismo, mas compreendendo que esta atividade estabelece uma relação de troca com o ambiente.

Não basta pensar o turismo de forma sustentável, porque a atividade turística ocorre em espaços onde existem atividades produtivas. Para buscar a sustentabilidade ambiental é fundamental conhecer o ecossistema, visando planejar as atividades de forma a manter o equilíbrio dinâmico.

O aumento da população e o conseqüente incremento da demanda por alimento, água, matéria-prima e outros componentes da oferta ambiental, unidos à melhoria das condições de vida de grandes setores da população, assim como a generalização de um modelo de desenvolvimento baseado em padrões de consumo insustentáveis, têm levado ao crescimento da pressão sobre o mundo natural a níveis que superam sua capacidade de regeneração e de depuração, para absorver as cargas antrópicas geradas pela sociedade (Ehrlich & Ehrlich, 1997). Atualmente, de acordo com as novas informações científicas e alterações ocorridas com o clima, em determinadas regiões, calcula-se que se tenha superado, pelo menos em certas áreas e ecossistemas, os limites que permitem a sustentabilidade do meio.

Desta maneira, essa estreita relação existente entre conservação do ambiente receptor e o crescimento da atividade turística permitiu formular a seguinte reflexão: Em localidades que têm o atrativo turístico natural como seu principal produto, é natural que haja um movimento no sentido de preservar e buscar caminhos para isso. E nos atrativos localizados em perímetros urbanos, ocorre essa preocupação?

2. Revisão de Literatura

O turismo é uma das alternativas de desenvolvimento socioeconômico que tem despertado o interesse de muitas localidades, estimulado pelas facilidades e atratividades cada vez mais disponíveis. Para Ruschmann (2006, p. 15), "o crescimento da demanda e, conseqüentemente, da oferta turística e as facilidades para as viagens tornaram o mundo inteiro acessível aos viajantes ávidos por novas e emocionantes experiências em regiões com recursos naturais e culturais consideráveis". Por conseguinte, a área atrai de modo progressivo a atenção dos governantes, por se tratar de um setor com grande vocação de geração de emprego, renda e desenvolvimento socioeconômico; por esta razão, está entre as quatro principais atividades econômicas do mundo e apresenta os mais elevados índices de crescimento em nível global (Oliveira, 2007).

Ao se abordar o turismo como forma de desenvolvimento e crescimento, verifica-se a necessidade de se discutir a questão da sustentabilidade ambiental, pois os impactos causados pela atividade turística são inevitáveis e dentre os diversos impactos (social e econômico, entre outros) estão os relacionados ao meio natural. Ferreti (2002, p. 107), neste sentido, esclarece que "as alterações impostas na paisagem, a partir da implantação da atividade turística, são diversas, em graus diferenciados, sendo algumas evidentes, outras não".

A questão ambiental é um dos aspectos relacionados à sustentabilidade que vislumbra ainda as dimensões social, econômica, ecológica, espacial, cultural, política e institucional (Barbieri & Cajazeira, 2009) e que, de modo amplo e de acordo com Altieri (2008, p. 82), significa "[...] que a atividade econômica deve suprir as necessidades presentes, sem restringir as opções futuras".

Segundo Ruschmann e Philippi Jr. (2009), entre outros objetivos, o desenvolvimento sustentável está relacionado à harmonização do crescimento econômico, aumento da equidade social e preservação do ambiente. Desta maneira, garante que a utilização dos recursos, neste

momento, não comprometa as gerações futuras. Todas as principais definições sobre a questão do desenvolvimento x preservação ambiental derivam, em primeira instância, do famoso Relatório Brundland, Nosso futuro Comum, publicado em 1987.

Em se tratando especificamente da sustentabilidade ambiental, esta é denominada por Barbieri e Cajazeira (2009) como sustentabilidade ecológica e diz respeito às ações para evitar danos ao ambiente advindos dos processos de desenvolvimento. Estas ações podem ser exemplificadas pela substituição do consumo de recursos não-renováveis por recursos renováveis, redução da emissão de poluentes, além da preservação da biodiversidade.

Segundo Ruschmann e Philippi Jr. (2009), os produtos turísticos sustentáveis são desenvolvidos em harmonia com o ambiente e culturas locais, de forma que estes se convertam em permanentes beneficiários, e não meros espectadores de todo o processo. Os mesmos autores escrevem que a relação entre turismo e ambiente é bastante complexa, envolvendo diversas atividades que podem ter vários efeitos ambientais adversos; porém, a atividade apresenta potencialidades para contribuir com a conservação ambiental.

Diante do exposto, verifica-se que uma das ações que pode contribuir para o turismo sustentável é a incorporação das práticas ambientais que em sua teoria podem minimizar os impactos negativos do turismo. Isto ocorreu na medida em que são descritas situações ligadas à sensibilização ambiental das pessoas envolvidas no planejamento e execução do turismo e também ao desenvolvimento da educação ambiental, como instrumentos de compreensão dos processos ambientais locais; também as ligadas às práticas relacionadas à diminuição de impactos negativos; à procura por soluções que minimizem a geração de resíduos; às ações que permitam um produto turístico sustentável relacionado aos gestores municipais, comunidades interessadas e os turistas, entre outros (Machado & Conto, 2013).

Desta forma, as práticas ambientais contempladas pelos atrativos turísticos, sejam eles naturais e/ou inseridos em localidades urbanas, também podem contribuir para a manutenção da atividade, quando transformadas em ação. Sob esta perspectiva, percebe-se que através da atividade turística, juntamente às práticas ambientais, vislumbra-se um turismo com menor impacto negativo.

Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, possui uma população de 774.202 habitantes, segundo dados do IBGE (2010). Apesar de não ser uma cidade eminentemente turística, recebe visitantes relacionados a participação em eventos, além daqueles que estão de passagem rumo a Bonito e ao Pantanal, regiões de grande apelo turístico no Brasil e no mundo. A cidade possui diversos atrativos, com destaque para a Casa do Artesão, a Feira Central, o Parque das Nações Indígenas e o Memorial da Cultura Indígena.

Na Casa do Artesão, é possível encontrar grande variedade de peças artesanais e de trabalhos manuais. Administrada pelo governo, está situada na região central da cidade e representa sua cultura e história, pois, além dos produtos vendidos, está sediada em imóvel da década de 1920, tombado em 1994.

Em Campo Grande, assim como em outras cidades, acontecem feiras livres diariamente em seus diversos bairros. Comumente ofertam uma variedade de produtos hortifrutigranjeiros e opções para degustação, com destaque para as comidas típicas da colônia japonesa e para o espetinho de carne com mandioca. O diferencial de diversas feiras de Campo Grande é que parte delas acontecem no período noturno, tornando-se mais uma opção de passeio na cidade. A maior destas feiras é chamada de Feira Central e acontece desde 1964 e é considerada um dos principais pontos de referência comercial e turística de Campo Grande. Embora sua administração pertença aos governos municipal e estadual, os feirantes são empreendedores particulares.

O Parque das Nações Indígenas, localizado nos altos da importante Avenida Afonso Pena, ocupa uma área de cerca de 119 hectares. O córrego Prosa, cuja nascente está no Parque Estadual Nascentes do Prosa, localizada de maneira contígua ao Parque, é represado, formando ali um grande lago, onde há uma pequena ilha e um píer. Suas águas cortam toda a extensão

do parque, com pontes para travessia. É constituído por vasta extensão gramada, vegetação nativa e núcleos de árvores ornamentais e frutíferas, plantadas pelos antigos proprietários (Oppliger et al., 2016). Possui equipamentos urbanos, como pistas de caminhada, para *skatistas*, quadras esportivas, além de restaurante, Concha Acústica, Monumento ao Índio, Museu de Arte Contemporânea, entre outros. O governo do Estado, através da Gerência de Unidade de Conservação, é o responsável pela administração do parque, sendo que o restaurante e os museus são terceirizados.

Um dos mais recentes pontos de atração da cidade é o Memorial da Cultura Indígena, construído no loteamento Marçal de Souza, onde foi instalada uma aldeia urbana que abriga cerca de uma centena de famílias, em sua maioria, de origem indígena. Local de exposição e comercialização de produtos artesanais, o conjunto do Memorial é formado por duas grandes ocas, em cuja construção foi utilizado material renovável, com palha de bacuri. Sua administração é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, Turismo e Agronegócio (SEDESC).

3. Procedimentos Metodológicos

A abordagem metodológica escolhida para a realização desta pesquisa foi a qualitativa que, segundo Dencker (1998), ocorre pela percepção do objeto de estudo e a necessidade de buscar em campo as variáveis que serão consideradas na análise.

A descrição, procedimento básico de uma pesquisa qualitativa, precisa envolver a coleta de dados para responder questões a respeito do estado atual dos sujeitos de estudo, focalizando a investigação, principalmente nos processos. Teve um caráter bibliográfico pela elaboração conceitual e uma pesquisa de levantamento, pois se fez necessária a obtenção de dados relevantes.

A área delimitada para a pesquisa foram quatro atrativos turísticos urbanos localizados em Campo Grande - Mato Grosso do Sul, sendo eles: o Parque das Nações Indígenas, a Feira Central, o Memorial da Cultura Indígena e a Casa do Artesão. Os locais se constituem lugares de forte atração de turismo para os visitantes e de lazer para a comunidade local.

As entrevistas foram realizadas no mês de julho de 2014 e as abordagens foram realizadas após um agendamento prévio, cujo objetivo bem como o tema norteador da pesquisa foram apresentados e esclarecidos. As gravações aconteceram após autorização dos entrevistados e foram registradas em um gravador, para preservar a literalidade e a espontaneidade do entrevistado.

Para evitar possíveis problemas com os órgãos e com os gestores envolvidos, sua identificação foi omitida e, para fins de identificação na pesquisa, utilizou-se o termo "GESTOR A, B, C ou D".

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semi-estruturada. Para sua análise, foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo, de Lefvere e Lefvere (2003), o qual possibilita a interpretação dos setores públicos investigados no campo delimitado, pois faz produzir o sujeito social ou coletivo do discurso e o discurso correspondente, fazendo o social falar a partir do individual.

A proposta consiste basicamente em analisar o material verbal coletado, extraindo-se de cada um dos depoimentos as ideias centrais (nome ou expressão linguística que revela e descreve, da maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada um dos discursos analisados e de cada conjunto homogêneo de expressões-chave, que vai dar nascimento, posteriormente, ao discurso do sujeito coletivo) e/ou ancoragens (algumas expressões-chave remetem não a uma ideia central correspondente, mas a uma figura metodológica).

4. Resultados e Discussões

De acordo com Medeiros e Moraes (2013), a atividade turística sempre exerce impactos no destino visitado e desta maneira, preocupações tem surgido para que esteja relacionada com a

sustentabilidade. Desta maneira, é necessário que se proporcione uma estrutura adequada e sustentável, proporcionando um turismo consciente e comprometido com a causa ambiental.

Para que isto ocorra, é necessário que todas as partes envolvidas no processo tenham consciência de que são componentes do tema sustentabilidade e que suas ações têm importância para a correta utilização dos recursos naturais. Porém nem sempre os gestores possuem esta visão. Desta maneira, primeiramente buscou-se identificar a relação dos atrativos investigados com a atividade turística na visão dos gestores.

Assim sendo, verificou-se que todos os envolvidos se entendem como atrativos turísticos do município, e os motivos que os fazem compreender esta relação estão atrelados às suas características naturais e à cultura, em especial a sul-mato-grossense. Desta forma, os gestores declararam:

- **Gestor A:** Nós respondemos como atrativo turístico [...] para que as pessoas tenham conhecimento e tenham acesso à cultura indígena.
-
- **Gestor B:** Sim, entendemos, pois trabalhamos com essa ideia, porque é uma área de beleza cênica [...] e por conta dos museus [...]
- **Gestor C:** Trata-se de um patrimônio tombado histórico e por conta do artesanato é a vitrine do artesanato sul-mato-grossense.
- **Gestor D:** Não sei se o poder ou outras pessoas o compreendem como nós.

Considerando que atrativo turístico é aquele que deve ter o poder de atrair pessoas para sua fruição e ser a base da oferta turística, configurando-se como estímulo para que o turista se desloque e permaneça na localidade de destino (Bahl, 2004), compreende-se que os atributos mencionados pelos entrevistados (beleza cênica, cultura indígena e sul-mato-grossense) podem ser considerados fatores de atração para os turistas que visitam a cidade de Campo Grande. De acordo com a classificação de Beni (1998) e dentre os tipos de atrativos turísticos existentes, estão os naturais, os históricos culturais, as manifestações e usos tradicionais e populares, além dos acontecimentos programados, os quais se identificam com as características dos locais visitados e com a compreensão de seus gestores.

De acordo com Reis e Costa-Alves (2014), normalmente os gestores apresentam maiores inclinações para um comportamento mais consciente ambientalmente, quando comparado a outros grupos, como os funcionários do empreendimento, por exemplo. Isto ocorre devido ao maior acesso a informações, por parte dos gestores, situação também observada para este trabalho. Desta maneira, pode-se concluir que quanto maior o acesso ao conhecimento, maior seria o comprometimento com a sustentabilidade.

Ainda sobre a relação dos atrativos com o turismo e a importância entre ambos, identificaram-se através dos relatos algumas questões principais, tais como a sazonalidade do fluxo de turistas e o impacto financeiro desta questão sobre a manutenção do local. Desta forma declararam:

- **Gestor A:** Nós dependemos financeiramente, pelo menos os artesãos. Para se ter uma ideia em fevereiro e, agora durante a Copa, teve uma baixa do turismo em Campo Grande, no MS; em fevereiro por conta do carnaval e em junho, por conta da Copa, nós tivemos uma queda brusca de aproximadamente 200 pessoas no mês.
- **Gestor C:** O número de turista é extremamente importante, porém a intenção é atrair os visitantes locais para evitar a sazonalidade.

Além dos fatores apontados, detectou-se ainda, através de um dos relatos, que assim como o turismo pode interferir em um atrativo, o mesmo pode ocorrer na direção contrária. Desta forma o **Gestor B** declara: Acreditamos que é mais do parque para a atividade [...] Se bem que a partir de você tem uma atividade turística leva a manter uma estrutura, porém a

demanda maior é de visitantes locais, nem tanto de turistas, sendo assim a preocupação é mais com eles, do que com os turistas. O visitante vem e aproveita. Tem gente que não entende isso [...].

De acordo com Carvalho (2015), trabalhando com a questão Patrimônio, Memória e Turismo, existe uma relação holística entre os três, em que só é possível a existência de um com a presença do outro. Desta maneira se confirma que não adianta apenas a existência de um atrativo; é necessário que este atrativo tenha poder de atrair o público constantemente e não apenas sazonalmente para que sua existência se perpetue. Porém alguns atrativos são mais dependentes de algum item de sua composição, o que não é adequado, pois pode levar a uma perigosa instabilidade no atrativo, o que foi observado nas colocações dos gestores.

A fim de contextualizar os locais e sua relação com o ambiente, entendeu-se necessário caracterizá-los no que se refere aos serviços e/ou produtos ofertados, número de expositores, além do número e do perfil de seus visitantes. Dessa forma, o resultado apresentado (Quadro 1) permite observar que os atrativos estão direcionados tanto ao turista quanto ao visitante local e relacionados à venda de produtos, formas de lazer e de acesso à cultura.

Quadro 1. Características dos atrativos e do público, de acordo com as declarações dos gestores, Campo Grande, Mato Grosso do Sul

Gestor	Serviços prestados e/ou produtos ofertados	Artesãos que expõem (média)	Visitantes (média)	Perfil do público visitante
A	Atendimento ao turista e artesanato	25	700 mensais	Diversificado (brasileiros e estrangeiros)
B	Área estruturada para a prática de atividade física, cultura, lazer e com um viés científico; Aberto para alguns eventos; Conta ainda com os serviços prestados por terceiros: museus e restaurante; Apoia e disponibiliza espaço para a realização de programas sociais e esportivos.	Não se aplica	Não tem número, mas com grande sazonalidade	Diversificado . Famílias para passar a tarde; . Para prática de atividades esportivas; . Público dos shows; . Pessoas que atravessam o parque para trabalhar do outro lado e evitar dar a volta; . <i>Skatistas</i> ; . Pessoal das academias; . Alunos que matam aula; . Idosos e, Escolas.
C	Comercialização de peças de artesanato e de trabalhos manuais	210 comerciantes 1.691 cadastrados	Sazonal, com os períodos das férias e os meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro mais expressivos, bem	90% turistas e poucos visitantes locais

			como os sábados, principalmente a partir das 10 h	
D	É um ponto comercial de comércio e varejo	Hoje, 270 empreendedores	50 a 80 mil pessoas por mês. Porém, no Festival do Sobá, por exemplo, mais de 100 mil pessoas em 10 dias	Basicamente família. Idade de 25 a 35 anos; Pessoas que vêm mais de duas vezes por mês.

Ressalte-se que, tanto as declarações em relação ao número quanto ao perfil traçado dos visitantes foram pautadas na percepção dos entrevistados, pois nenhum dos atrativos possui estatística atualizada sobre os números.

Este é um problema relacionado ao turismo desenvolvido em áreas urbanas, onde o controle no número de visitantes muitas vezes não é levado em consideração. Isto ocorre em ambientes fechados, tais como museus, que possuem um limite no número de visitantes que podem entrar no local.

O controle também existe quando se trata da iniciativa privada, que tem interesse em saber quantas pessoas utilizam o recurso, pois seus ganhos estão ligados a este fator. Porém quando o local é gerenciado pelo poder público e aberto, tal ação é superficial, o que impede que se tenha uma noção exata de uso e características principais de seus usuários. Isto pode dificultar um melhor gerenciamento da área.

Dos que possuem como oferta peças expostas e para venda, verificou-se que as relacionadas ao artesanato e ao trabalho manual são provenientes tanto da cidade de Campo Grande quanto de outras, como Dourados, Bonito, Rio Verde, Corumbá, Aquidauana e Itaquiraí, o que pode justificar a afirmação de que esses locais representam a cultura sul-mato-grossense.

A diversidade de visitantes é uma vantagem, pois permite uma maior variedade de visitantes, locais e de fora da região. De acordo com Brasil (2010), é importante valorizar a diversidade, pois isto aumentaria a capacidade de geração de renda para todo o segmento.

Os materiais utilizados na confecção das peças mencionadas acima são variados e tal informação é mais uma forma de posicionar a relação do trabalho realizado por estes artesãos com o meio natural. Pelo **Gestor A**, foi informado que as peças são confeccionadas de palha, sementes, fios em geral, argila e penas, e pelo **Gestor C**, as cabaças, o couro, a cerâmica, as sementes, o bronze, o biscuit, as fibras, a palha, o gesso, a madeira, o osso, o chifre, o bambu, as pedras, a fibra de vidro, a resina e os reciclados, materiais utilizados para a confecção das peças.

Quando questionados se os atrativos têm conhecimento de que forma as peças expostas são confeccionadas ou se são apenas pontos de distribuição, os Gestores A e C responderam o seguinte:

- **Gestor A:** Sim, temos conhecimento, através do cadastro realizado com os artesãos.
- **Gestor C:** Sim, pois quando as peças são entregues, são feitas essas perguntas, só a título de curiosidade; não consta no cadastro.

Observa-se, desta forma, uma clara, estreita e direta relação entre a atividade turística desenvolvida e a natureza, através dos produtos ofertados, além daquelas que não são tão evidentes.

Contudo, um dos entrevistados afirmou não ter conhecimento dos materiais utilizados, a fim de

manter a privacidade dos expositores, já que estes e conseqüentemente suas atividades, são caracterizados como empreendimentos particulares.

Um dos problemas enfrentados pelos artesãos é escassez de determinados tipos de matérias primas, resultado do uso inadequado dos recursos naturais. Este tipo de situação é relatado por outros pesquisadores, como Shepard Jr. et al. (2004), que citam problemas na coleta de arumã, matéria prima para determinados itens, tais como abanos, confeccionados por artesãos do Alto Rio Negro, Amazonas.

Os atrativos investigados controlam a demanda e saída das peças através de cadastro que contém informações tanto a respeito das peças envolvendo o tipo de materiais utilizados quanto daqueles que as confeccionam. Embora as gestões tenham conhecimento sobre os materiais que compõem as peças, os critérios estabelecidos pelas mesmas não se relacionam aos materiais e tampouco às formas de extração, restringindo-se apenas à origem do artesanato (se indígena, por ex.) e à forma de produção que as caracterizem como artesanato ou trabalho manual.

Apesar do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) possuir uma série de cartilhas e atividades relacionadas ao manejo sustentável da matéria prima utilizada no artesanato, percebe-se que não existe uma comunicação eficaz entre os diversos atores que trabalham nesta área. Em nenhum momento foi citado a atuação desta empresa e sua importância, em relação a sustentabilidade dos recursos naturais ou seus programas de melhoria nos processos. Pode-se então concluir que um dos atores ligados ao artesanato, ou possui pouca ou não possui participação neste processo.

A fim de compreender como se dá a gestão dos atrativos investigados, detectou-se que não há grande autonomia dos gestores locais nas decisões, mas envolvimento e participação na efetivação do que é determinado. Além disso, dois dos entrevistados informaram que os atrativos são benquistos pelos governos.

Um dos problemas relacionados a gestão dos empreendimentos públicos é a burocracia relacionada, que impede ou dificulta que determinadas ações, importantes para seu gerenciamento, sejam executadas. Isto muitas vezes leva a um menor aproveitamento do potencial ou causa problemas na manutenção, ameaçando sua continuidade, o que é visto com frequência, quando se discute a atividade turística em áreas públicas.

Abordando a questão da sustentabilidade dos recursos naturais, primeiramente buscou-se identificar como esse fator é entendido pelos respondentes, com as declarações demonstrando a compreensão do significado da expressão, conforme as respostas abaixo:

- **Gestor A:** Prá você ter uma compreensão de quanto os indígenas já estão conscientes disso, eles já não estão trabalhando com pena natural de arara e nem de papagaio. Nossas penas, na maioria das vezes são tingidas [...] usando galinhas brancas e outros tipos de aves que eles matam para própria comida [...]. Eles não tiram antes do prazo, por exemplo, a leucena que é uma semente das prediletas para a confecção de pulseiras, tem que esperar o período, [...] Eles têm também peças de açaí, leucena, semente de pau brasil e olho de cabra, todas vindas de lá. Todos preocupados com a questão da sustentabilidade, eles não tiram antes do período, pra conservar o recurso natural. E eles não matam mais nenhum tipo de animal silvestre.
- **Gestor B:** Fazer o uso de modo a deixar para outras gerações.
- **Gestor C:** Retirar a matéria-prima com consciência, retirar somente o necessário.
- **Gestor D:** Respeitamos isso, e em grande parte temos uma sustentabilidade, temos rede de esgoto, uma coleta seletiva independente, não agredimos a natureza.

Pode-se então admitir que a compreensão acerca da sustentabilidade dos recursos naturais está de acordo com o que é colocado pela teoria e apresentada neste estudo através da revisão de literatura.

Porém esta é uma questão recente. Anteriormente ocorria uma exploração predatória de alguns recursos animais, tais como as aves e, devido a pressão exercida pelos órgãos ambientais, principalmente o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e a sociedade, ocorreu uma mudança nos antigos procedimentos. Desta maneira, a questão da sustentabilidade é agora muito discutida.

Mas quando se leva em consideração outros recursos, tais como a extração de argila para a confecção de determinadas peças de artesanato, não existe uma grande preocupação com a maneira de extração ou fabrico. Esta situação está relacionada a visão das pessoas, em que determinadas partes da natureza são mais importantes, enquanto outras, menos, tais como o barro, que sempre existira, na concepção da maior parte das pessoas.

A partir desta compreensão os investigados foram questionados e apresentaram suas opiniões sobre a relação dos atrativos pesquisados com a sustentabilidade do meio natural. Para todos os entrevistados, os atrativos relacionam-se de alguma forma, seja através da efetivação de ações e parcerias com outros órgãos, seja através do mínimo impacto causado pela atividade desenvolvida. Desta forma, os gestores afirmaram:

- **Gestor A:** [...] há um trabalho desenvolvido tanto pelas universidades quanto pela Fundação Municipal de Cultura para que seja preservado o meio ambiente.
- **Gestor B:** Porque a gente está o tempo todo preocupado com as condições ambientais do lugar. Seja na parte física, mas também na parte de animais (estamos sempre em contato com a Embrapa).
- **Gestor C:** [...] pois não é em série a produção e a maioria das madeiras utilizadas, por exemplo, são restos de marcenaria.
- **Gestor D:** Sim, se você tiver em vista que nós temos inclusive uma associação de orgânicos independente do poder dos outros órgãos, e que o nosso cinturão é 70% do abastecimento do hortifrúti da cidade e eles estão em 70% da sua capacidade e eles expõem aqui e o que sai daqui ainda é reeducado para um destino correto.

As respostas indicam que, não importante o foco principal da atividade turística, existe a percepção de que é necessário levar em consideração a questão ambiental, apesar dos gestores ainda apresentarem dificuldades para compreender a real dimensão da questão. Ruschmann e Philippi Jr. (2009), tratando da Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo, escrevem que para se atingir realmente a sustentabilidade neste setor são necessárias várias ações relacionadas ao conhecimento sobre os diferentes impactos da área, o que nem sempre acontece.

Cientes de que o turismo pode contribuir para a manutenção da natureza através também da conscientização, foi questionado aos entrevistados sobre a existência de alguma forma de orientação, por parte dos atrativos, sobre a sustentabilidade dos recursos naturais, seja aos produtores, funcionários e/ou visitantes, com os resultados obtidos permitindo afirmar que há apenas a existência de algumas atitudes pontuais e pequenas com este fim. Assim sendo, os gestores responderam:

- **Gestor A:** Não há trabalho de conscientização ambiental [...]. Com os funcionários e com os turistas há um comentário ou outro, porém não há nenhum projeto voltado para isso. Contudo a maioria deles já é bastante politizada.
- **Gestor B:** (aos funcionários) Sim, até porque eles que fazem a manutenção. A forma como deve fazer a varrição, a questão da limpeza do lago, tudo isso para os funcionários é muito rotineiro, mas não existe esse trabalho de uma pessoa lá fazendo essa orientação. Tem sinalização, mas não é suficiente. Como não temos pessoal suficiente, nossa preocupação é enquanto ao cumprimento do regulamento, que já é difícil de cumprir isso.

- **Gestor C:** Há sugestões.

- **Gestor D:** Sim. Para os nossos expositores, inclusive o óleo de gordura que é uma grande parte, é redestinado para uma empresa devidamente cadastrada. Aos funcionários, nosso lixo é recolhido, nós temos recursos do Ministério do Turismo, a primeira casa de lixo, nós temos uma separação por contrato de reciclagem. Já aos turistas e visitantes, nossa preocupação se limita ao receptivo.

Ruschmann (2006) e Ruschmann e Philippi Jr. (2009) comentam que um dos pontos ligados a questão da preservação é a educação ambiental e que sem ela, a preservação dos recursos ambientais é falha. Desta maneira, projetos nesta área ou sua inserção no cotidiano das pessoas seria importante para que ocorresse uma maior conscientização das pessoas.

Observou-se um caso em que a orientação sobre manutenção dos recursos está voltada ao interesse econômico, ou seja, vendem-se mais quando tem um cunho de preservação e então se preserva para vender mais. Respalda-se essa afirmação na seguinte frase usada ao responder sobre orientação de preservação: “[...] a única coisa é quanto à originalidade da peça, por exemplo, um material que é em argila que é pintado mesmo, sabe-se que não é só o trabalho delas que está contido nessa peça, assim é comentado que não deveria, pois aquela peça não tem o mesmo valor de originalidade e individualidade” (**Gestor A**).

Ruschmann e Philippi Jr. (2009), discutindo a questão, também afirmam que falta um maior comprometimento por parte de determinados atores, o que muitas vezes prejudica a sustentabilidade. Porém muitas vezes isto é decorrente da falta de informação, possibilitando que determinadas questões não sejam realmente consideradas como importantes, na questão ambiental.

Desta forma, buscou-se verificar se os atrativos investigados contribuem de alguma maneira, para a sustentabilidade do ambiente e, apesar dos respondentes terem afirmado que sim, em algumas das respostas não houve clareza de relação com o que foi questionado. Os respondentes afirmaram:

- **Gestor A:** Aumento da renda da própria família, pensando no desenvolvimento local e na sustentabilidade de renda mesmo.
- **Gestor B:** Sim, o Parque tem um papel muito importante, principalmente na valorização imobiliária do entorno [...]. Essa região se desenvolveu. Então gera, sim, o desenvolvimento para a cidade, o metro quadrado no entorno do Parque é a parte mais cara da cidade. E há a questão dos recursos hídricos.
- **Gestor C:** Indiretamente, o artesanato contribui para o artesão realizar a atividade de modo sustentável.
- **Gestor D:** Sim, já fora informado anteriormente.

As afirmações podem levar a algumas inferências, tais como a pequena percepção da relação entre o atrativo e a sustentabilidade natural, a não contribuição do atrativo para a natureza, entre outras, situação já discutida por Ruschmann e Philippi Jr. (2009).

Os gestores foram questionados se acreditam que há alguma depredação ao ambiente a partir da atividade econômica existente no atrativo, os quais responderam que:

- **Gestor A:** Não há depredação do ambiente natural a partir dessa atividade econômica. Não quero opinar sobre a argila, porque nunca fui nas aldeias verificar o processo, apenas tenho conhecimento que as artesãs kadiwéus fazem a queima coletivamente, numa determinada semana, pois as cores que são vistas nos trabalhos kadiweus são de argila; então eles têm que procurar as argilas próximas de uma árvore, por exemplo, para ficar verde. Já as terenas, a maioria delas tem um forno em casa para assar e vem da própria aldeia a argila. A única coisa que tenho conhecimento é a extração do pau santo, cujos galhos são arrancados para fazer a resina e pintar de preto. Mas quanto às sementes e os outros artesanatos em geral, não. Durante o transporte das peças, não, pois não é em massa, trata-se de transporte pessoal; são carros, não são caminhões, a depredação

é mínima, pois o período que eles vão estar aqui ou para tratamento médico ou para visitar um parente, eles colhem tudo e deixam comigo; eu só tenho o índio guarani que ele faz todo um caminho, ele não só deixa o material aqui como em Miranda, Aquidauana e em outras regiões, então ele já vem entregando em todos os locais. Porém ele mexe com sementes e aguarda o tempo correto para a retirada. Nas penas ele utiliza anilina que é uma cor bonita e chamativa proveniente de animais domésticos, podendo ter todas as cores, extraído menos da natureza. E durante a venda das peças artesanais expostas, entendemos que não, pela própria conscientização da equipe.

- **Gestor B:** Acreditamos que a degradação é pequena, mais durante os shows com a questão do gramado, mas que é regenerado naturalmente, e há controle de som por conta dos animais silvestres que lá estão. As atividades que são autorizadas dentro do parque têm esse cuidado, não autorizamos qualquer tipo de coisa lá dentro, a própria Lei Municipal que regula o nível de som dos shows; então, quando vem algum interessado em utilizar o Parque ele tem que entregar um projeto, sendo que todo o resíduo sólido é de responsabilidade de quem está organizando, instalação de banheiros químicos, entre outros. Sempre tem coisas para melhorar, não estamos ainda no ideal, mas temos grande preocupação com a questão ambiental, com os resíduos, ainda não temos um manual de práticas por exemplo. Porém a depredação maior é ao patrimônio público, ao meio natural, a capivara por exemplo faz mais estragos que os visitantes, pouco vimos por exemplo escritas nos troncos das árvores, a maior parte é pichação e quebra de banheiro.
- **Gestor C:** Durante a produção das peças artesanais expostas acredito que não, se houver é o mínimo. No transporte das peças artesanais expostas também não, a entrega é feita às terças, quartas e quintas, e na primeira vez devem trazer poucas peças. Na venda das peças artesanais expostas, também não. Evita-se couro de animais, penas (que o IBAMA proibiu), e os taxidermistas têm que ter autorização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e a carteirinha de pesca. Não é permitido também dentes de animais, e as penas têm que ter autorização do Centro de Reabilitação de Animais Silvestres, mesmo sendo penas de galinha.
- **Gestor D:** Creio que não, estou me referindo quando nós já recebemos os produtos. [...] nós desconhecemos alguma agressão que possa ter causado.

Novamente a falta de conexão dos diferentes atores com o meio é percebida. Apesar da percepção da importância do tema, ainda falta conhecimento sobre o assunto. Os atores acabam trabalhando de maneira estanque, sem se preocupar muito com a outra parte do processo, ou seja, de onde vem o produto ou para onde vão os resíduos, o que percebido por suas respostas. Para o processo de sustentabilidade realmente acontecer, todas as partes deveriam trabalhar em conjunto, o que não ocorre.

Ruschmann e Philippi Jr. (2009), em referência a questão da sustentabilidade e turismo escrevem que, entre muitas ações e estratégias para se atingir este objetivo, é necessário, por exemplo, o planejamento na exploração dos recursos naturais, para que ocorra de forma sustentável, além da educação ambiental, com programas que tragam a conscientização da população sobre a importância da preservação ambiental.

Ao serem questionados sobre qual a sua visão perante o cenário do município de Campo Grande, analisando os princípios de sustentabilidade, os gestores apresentaram as seguintes opiniões:

- **Gestor A:** Há aproximadamente uns dez anos venho notando que vem sendo feito um bom trabalho, principalmente da prefeitura com a questão da coleta seletiva. No bairro em que o atrativo está localizado tem, eles passam toda segunda-feira e quarta-feira. São distribuídos sacos específicos para a coleta e tem pessoas na comunidade que coletam e vendem, então a prefeitura dá um apoio, além dos próprios indígenas fazerem essa coleta seletiva.
- **Gestor B:** Campo Grande tem muita área verde, tanto que os turistas e/ou visitantes se impressionam, é uma das capitais mais arborizadas do Brasil, é uma cidade que não é suja, percebe-se que tem tratamento de resíduos razoável, tem coleta seletiva, está no caminho, dentro do que temos de padrão a nível de Brasil estamos bem.

- **Gestor C:** Acredito que falta bastante coisa, tanto em ações individuais quanto coletivas. Desde o micro ao macro.

- **Gestor D:** Não opinarei.

Em trabalho sobre o turismo em Campo Grande, Jafar et al. (2012) escrevem que existe um grande potencial para a região, mas uma série de problemas impede que os objetivos pretendidos sejam alcançados. Entre estes, a falta de infraestrutura, um agravante quando se discute, por exemplo, a correta destinação do lixo gerado pelos turistas. Porém esta é uma questão que afeta a maior parte das regiões turísticas do Brasil, onde a falta de planejamento da atividade, ligado a uma pobre infraestrutura, por exemplo, são fatores que limitam o crescimento da atividade, além de causar impactos negativos.

Dando sequência, perguntou-se se existe algum acompanhamento por parte do setor público para verificar as práticas de sustentabilidade existentes no atrativo e os gestores responderam que:

- **Gestor A:** A SEDESC está com um trabalho bom junto ao Conselho Municipal de Turismo de Campo Grande.

- **Gestor B:** Pelo fato de estarmos num órgão ambiental isso está inerente, faz-se um controle natural, porém não tem um manual de práticas sustentáveis, a Gerência de Unidade de Conservação acompanha bastante.

- **Gestor C:** O Ibama acompanha em função das peças de origem silvestre.

- **Gestor D:** O Ministério Público acompanha bastante.

É muito comum discutir as práticas de sustentabilidade, por toda a sociedade, apesar dos problemas existentes. Porém, a questão do acompanhamento das práticas, sua mensuração e discussão dos resultados ainda são insipientes, quando se trata de determinados atrativos turísticos, principalmente os urbanos. Em sua maior parte, discute-se o que é e sua aplicação. Porém os resultados de tal prática, em sua maior parte, ainda são pouco conhecidos, pois existem poucos dados a respeito. Esta lacuna precisa ser preenchida, com pesquisas que avaliem este tipo de turismo.

Ligado a esta questão, os gestores, perguntados se ocorrem ações que visam minimizar o uso de energia, de água e de geração de resíduos sólidos e se existem estratégias de gestão que englobam fatores ligados à preservação dos recursos naturais pelo empreendimento, responderam:

- **Gestor A:** Para o uso de energia sim, pois ficamos com o mínimo de lâmpadas ligadas, que são ligadas em sua totalidade quando vem o city tour. Quanto ao uso de água, sim, nossa limpeza consiste em passar pano, não em lavar, se faz duas vezes por dia, a maioria das vezes varremos, por conta de uma infestação dos pardais, senão seria apenas uma vez por dia. Já com relação à geração de resíduos, sim, pois temos um trabalho de reciclagem.

- **Gestor B:** Sim, tem essa preocupação, tanto pela fauna e flora. Tem a questão do córrego e o controle de som, e estamos do lado de uma unidade de conservação, então não é permitido o uso de fogos de artifício, por exemplo, por conta dessa proximidade. Aquela festa das cores não foi feita no Parque por conta do uso do produto, pois como não tinha um estudo técnico que garantisse que o pó utilizado não era tóxico. Não se permite estrutura em cima do gramado, não por conta do gramado, mas por conta da erosão. Hoje não se permite que se utilize a energia do Parque, quando tem show a gente pede que leve gerador, mas nem tanto para preservação, mas sim pelo custo operacional. A gente tem relés nos postes, eles só acendem até determinado horário. A gente tem aqueles holofotes no lago que são bonitos, mas que gastam muito energia, mas não tem um projeto específico para economia de energia. Depois das onze horas, metade da energia do Parque é apagada. A água do Parque hoje ela é do poço, vem de uma rede própria, mas temos a rede da

água para emergências, ela é utilizada para dar vazão ao poço. O operacional tem orientações no sentido de manutenções a fim de evitar vazamentos. O usuário nem sempre tem muito cuidado com isso, torneira quebrada, cano quebrado. A parte de manutenção é bastante efetiva. Tem lixeiras, porém não tem coleta seletiva, são lixeiras comuns. Foi contratado para colocarem algumas na área do entorno dos shows, mas não tem uma previsão de serem colocadas. Quando tem um evento maior, isso é cláusula de contrato, o tratamento de resíduos. Está na cláusula do contrato, que os responsáveis pelos eventos devem fazer a coleta e tratamento desses resíduos sólidos gerados pelo evento.

- **Gestor C:** Não há nenhuma ação. Porque tem autonomia na teoria, mas na prática é mais complicado.
- **Gestor D:** Para o uso de energia e água não. Quanto à geração de resíduos, sim, através da coleta seletiva e destinação do óleo.

Relacionado a questão acima, os gestores foram questionados quanto à existência de algum investimento direcionado à preservação dos recursos naturais nos atrativos, informando que:

- **Gestor A:** Não saberia dizer, porém a SEDESC está com um trabalho com esses princípios e desenvolvendo outros, e tem alguns eventos próprios que serão lançados por agora. Porém o acompanhamento é mais na mídia mesmo.
- **Gestor B:** Bastante, principalmente hídrico; o Estado gasta milhões com a recuperação e drenagem dos lagos, agora está sendo feito um projeto de drenagem do entorno, para ver se a gente consegue resolver; o maior impactado é o Parque do Prosa; nossa maior preocupação quando a gente fala de investimento é a Unidade de Conservação. Tem um trabalho em andamento para solucionar o problema de assoreamento no Prosa, além de investimento em limpeza e manutenção do Parque. Quanto à limpeza, a maior dificuldade é quando se utiliza equipamentos.
- **Gestor C:** Não há.
- **Gestor D:** Quando você diz que tem uma casa de coleta seletiva, houve um recurso direcionado. Quando você diz que tem um microempreendedor que foi capacitado, houve um recurso destinado. Isso partiu da gestão da Feira.

Como observado, existe apenas um acompanhamento, sem um manual de boas práticas ou uma avaliação crítica que permita avaliar se realmente os resultados são adequados. Desta maneira, não se sabe ao certo se as práticas são efetivas. Ruschmann e Philippi Jr. (2009) também discutem que são necessários processos que permitam calcular se realmente a sustentabilidade é atingida ou apenas o termo é utilizado de maneira errônea.

Apesar da vontade manifesta dos gestores, pode-se perceber que existe um grande amadorismo quanto ao processo de sustentabilidade, como um todo. Existem mais ideias e vontades do que realmente um acompanhamento sobre o que realmente é necessário para se atingir a preservação dos recursos naturais. Percebe-se que os gestores dos locais visitados possuem interesse sobre o assunto, mas falta orientação e assim, os procedimentos que poderiam ser implementados não existem ou são apenas superficiais. Parte das questões de sustentabilidade relacionadas são uma questão de economia de recursos para o empreendimento e não realmente sustentabilidade, em seu conceito básico.

5. Considerações finais

Não há dúvidas, na concepção dos entrevistados, que os locais são atrativos turísticos de Campo Grande, pois possuem características atreladas à cultura da região e a beleza cênica. Da mesma forma é compreendida a relação e a importância da atividade turística para tais atrativos ou vice-versa, bem como para os visitantes locais.

Os atrativos têm características diversificadas, sendo o artesanato, o lazer e o comércio as principais delas, no que se refere aos produtos e serviços prestados. As gestões têm, sob

responsabilidade, serviços de terceiros que disponibilizam os produtos e/ou os serviços que representam, em números, bastante distintos.

Quanto ao público, a sazonalidade é uma característica presente e o perfil dos visitantes bastante diversificado, incluindo turistas de outras localidades e pessoas da própria cidade. Todos os atrativos estão atrelados à administração pública que, conforme os respondentes, acompanha a existência das práticas de sustentabilidade e, na maioria dos casos, envolve algumas estratégias voltadas à preservação dos recursos naturais e, em dois casos, investe nesta questão.

Entende-se que ações, e principalmente ações corretas, só ocorrem quando há conhecimento sobre a questão ambiental, sobre os procedimentos e suas conseqüências. Partindo desta premissa, a identificação da existência de práticas ambientais decorreu da verificação do grau de conhecimento e de compreensão, pelos atrativos, acerca da sustentabilidade ambiental e sua relação com o turismo, através das atividades desenvolvidas. Sendo assim, verificou-se em todos os casos que existe conhecimento sobre o significado de sustentabilidade dos recursos naturais; porém, sobre o processo (procedimentos e materiais utilizados) que é realizado pelos parceiros terceirizados e representados pelos atrativos, este conhecimento ocorre de forma parcial.

A respeito da relação entre os pesquisados com a sustentabilidade, na percepção dos entrevistados, esta relação restringe-se apenas a algumas ações que são praticadas e que permitem, em parte, a preservação do meio. A relação de dependência do ambiente, do papel que esta atividade tem o poder de desenvolver e dos benefícios advindos das práticas ambientais discutidos pela teoria, não foram mencionados nos depoimentos.

Também ocorre de forma restrita, a adoção de práticas voltadas à sustentabilidade. Apesar de acreditarem que os atrativos têm contribuído com o ambiente natural, os entrevistados não demonstraram ter certeza disso. Não há, para a maioria, impactos ou tampouco degradação decorrente das atividades desenvolvidas.

As ações com vistas a minimizar o uso de energia, de água e de geração de resíduos sólidos são poucas e bastante pontuais; além disso, são restritas as ações de orientação sobre sustentabilidade dos recursos naturais, principalmente aos turistas.

Diante dos dados coletados, é possível responder ao problema norteador deste estudo: a preocupação com a preservação da natureza pelo turismo em localidades urbanas, na perspectiva dos atrativos turísticos, está muito aquém do que é possível e necessário e diferente do que preconiza a teoria.

Isto posto, a pesquisa permite algumas considerações:

A relação entre o turismo e o ambiente, inclusive pelos estudos já publicados, é mais clara e evidente quando esta atividade é ou está inserida em locais onde a natureza é o atrativo, ou seja, ela é o produto que se vende ou atrai os visitantes e, portanto, há um interesse entre ambos redirecionando, talvez, o foco, que é a manutenção do meio.

Cabe ao turismo cumprir o seu papel de multiplicador de conhecimento independente da localidade onde se insere, pois em qualquer que seja o local, os impactos negativos ou positivos causados de forma direta ou indireta sempre acontecem e os resultados afetam não só o turismo, mas também os demais elementos que compõem o meio. Destaca-se que as práticas ambientais e suas conseqüências ultrapassam e interferem os limites traçados por uma delimitação possível de ser determinada.

A falta de conhecimento sobre o assunto pode ser um dos motivos pelos quais o turismo, em seus diversos segmentos, não venha relacioná-lo ao ambiente, pois a atividade envolve profissionais com diferentes perfis e bases de conhecimentos.

Um estudo realizado por Malta e Mariani (2013) corrobora este pensamento, à medida que analisou as práticas de sustentabilidade na gestão dos empreendimentos hoteleiros e detectou a atuação ambiental ainda no início, mas com um grau maior nas empresas hoteleiras

pertencentes a redes. Os autores consideram que este resultado pudesse estar vinculado a maior quantidade de informações, pelos empreendimentos, sobre sustentabilidade ambiental, já que foi notado maior domínio sobre o assunto por parte de seus gestores; porém, a preocupação e interesse por esta prática vincula-se à prática competitiva, como se fosse um diferencial de mercado.

Portanto, considera-se ainda que um número mais expressivo de estudos que envolvam o turismo e seus diversos segmentos relacionados à sustentabilidade do ambiente promoveria maiores condições para o direcionamento de ações que permitam um turismo realmente responsável, independente do serviço e/ou produto que oferece e do local em que se insere.

Referências Bibliográficas

- Altieri, M. (2008). *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 5ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Bahl, M. (2004). *Legados étnicos e oferta turística*. 1ed. Curitiba: Juruá.
- Barbieri, J.C. e Cajazeira, J.E.R. (2009). *Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática*. 2ed. São Paulo: Saraiva.
- Beni, M. (1998). *Análise estrutural do turismo*. 1ed. São Paulo: Senac.
- Brasil. Ministério do Turismo. *Segmentação do turismo e o mercado*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.
- Dencker, A.F.M. (1998). *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 1ed. São Paulo: Futura.
- Ehrlich, P.R. e Ehrlich, A.H. (1997). The Population explosion: why we should care and what we should do about it. *Environmental Law*, 27: 1187-1208.
- Ferreti, E.R. (2002). *Turismo e meio ambiente: uma abordagem integrada*. 2ed. São Paulo: Rocca.
- Jafar, A.C.D., Oliveira, A.K.M., Bononi, V.L.R. e Mascaró, L.E.A.R. (2012). Avaliação de locais com potencial e/ou utilizados no turismo ambiental na cidade de Campo Grande – Mato Grosso do Sul. *Revista UNIARA*, 15(1): 78-86.
- Lefevre, F. e Lefevre, A.M.C. (2003). *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 1ed. Caxias do Sul: EDUCS.
- Malta, M.C.M. e Mariani, M.A.P. (2013). Estudo de caso da sustentabilidade aplicada na gestão de hotéis de Campo Grande, MS. *Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, 15(1): 112-129.
- Machado, A.L.M. e Conto, S.M. (2013). Práticas ambientais para a minimização de impactos ambientais do ecoturismo: informações de gestores de agências de viagem do Rio Grande do Sul. *Revista de Cultura e Turismo*, 7(1): 31-46.
- Medeiros, L.C. e Moraes, P.S. (2013). Turismo e sustentabilidade ambiental: referências para o desenvolvimento de um turismo sustentável. *Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade*, 3(2): 197-234.
- Oliveira, E.S. (2007). Impactos socioambientais e econômicos do turismo e as suas repercussões do desenvolvimento local: o caso do município de Itacaré – Bahia. *Interações, Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, 8(2): 193-202.
- Oppliger, E.A., Fontoura, F.M., Oliveira, A.K.M., Toledo, M.C.B., Silva, M.H.S. e Guedes, N.M.R. (2016). O potencial turístico para a observação da avifauna em três áreas verdes na cidade de Campo Grande, MS. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 10(2): 274-292.
- Reis, R.P. e Costa-Alves, T.J. (2014). Percepção de funcionários e gestores de meios de hospedagem em relação à variável ambiental no município de Boa Vista, Roraima. *Revista Turismo - Visão e Ação*, 16(2): 358-385.
- Ruschmann, D.V.M. (2006). *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*.

13ed. Campinas: Papirus.

Ruschmann, D. V.M. e Philippi Jr., A. (2009). *Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo*. Barueri: Manole.

Shepard Jr, G.H., Silva, M.N.F.D., Brazão, A.F. e Van der Veld, P. (2004) Sustentabilidade socioambiental de arumã no Alto Rio Negro. In: Ricardo, F. (ed.). *Terras indígenas e Unidades de Conservação da natureza: o desafio das sobreposições*. São Paulo: Instituto Socioambiental. p. 129-143.

1. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 2. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 3. Universidade Anhanguera-Uniderp. Email: akmorbeckoliveira@gmail.com
-

Revista ESPACIOS. ISSN 0798 1015
Vol. 38 (Nº 09) Año 2017

[Índice]

[En caso de encontrar algún error en este website favor enviar email a webmaster]

©2017. revistaESPACIOS.com • Derechos Reservados